



**Revista Comunicação Midiática**  
ISSN: 2236-8000  
v. 16, n. 2, p. 35-50, jul./dez. 2021

---

**A produção no telejornalismo regional:  
uma cobertura em tempos de pandemia no interior de São Paulo**

**Producción en informativos de la televisión regional:  
una cobertura en tiempos de pandemia en el interior de São Paulo**

**Production in regional television news:  
a coverage in times of pandemic in the interior of São Paulo**

---

**Valquiria Aparecida Passos Kneipp**

É professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com pós-doutorado em Comunicação pela Unesp Bauru.  
valquiriakneipp@yahoo.com.br

**Luciano Victor Barros Maluly**

É professor associado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Possui graduação em Comunicação Social — Habilitação em Jornalismo — pela Universidade Estadual de Londrina, Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Doutorado em Ciências da Comunicação e Livre-Docência, ambos pela USP, além de pós-doutorado na Universidade do Minho.  
lucianomaluly@gmail.com

## RESUMO

A nova ecologia dos meios de comunicação (Scolari, 2015) que se desenhou entre as afiliadas da TV Globo no interior de São Paulo denota um processo de midiaticização regionalizado. Com o objetivo de investigar as subdivisões existentes no Estado, esta pesquisa visa identificar este cenário e analisar uma das regiões. Como objeto foi recortado o telejornalismo da TV TEM Bauru, Marília e Região, a partir da produção regional. Instrumental metodológico: além da pesquisa bibliográfica, observação virtual e entrevistas, caracterizando um estudo de caso. Buscou-se responder à questão: como a produção regional vem se adaptando às imposições do novo coronavírus? Ao final, foi possível identificar novas práticas sociais no telejornalismo regional, em função das restrições do isolamento social e proteção da saúde dos profissionais de jornalismo.

**Palavras-chave:** telejornalismo; regionalismo, ecologia dos meios; coronavírus, TV TEM.

## RESUMEN

La nueva ecología de los medios (Scolari, 2015) que se diseñó entre los afiliados de TV Globo en el interior de São Paulo denota un proceso de mediatización regionalizada. Con el fin de investigar las subdivisiones existentes en el Estado, esta investigación tiene como objetivo identificar este escenario y analizar una de las regiones. Como objeto, el informativo televisivo de TV TEM Bauru, Marília e Região fue recortado de la producción regional. Instrumentos metodológicos: además de la investigación bibliográfica, observación virtual y entrevistas, caracterizando un estudio de caso. Buscamos responder a la pregunta: ¿cómo se ha ido adaptando la producción regional a las imposiciones del nuevo coronavirus? Al final, fue posible identificar nuevas prácticas sociales en los informativos de la televisión regional, debido a las restricciones de aislamiento social y protección de la salud de los profesionales del periodismo.

**Palabras clave:** teleperiodismo; regionalismo; ecología mediática; coronavirus; TV TEM.

## ABSTRACT

The new ecology of the media (Scolari, 2015) that was designed among TV Globo's affiliates in the interior of São Paulo denotes a regionalized mediatization process. To investigate the existing subdivisions in the State, this research aims to identify this scenario and analyze one of the regions. As an object, the television news program of TV TEM Bauru, Marília e Região was cut from the regional production. Methodological tools: in addition to bibliographic research, virtual observation and interviews, featuring a case study. We sought to answer the question: how has the regional production has been adapting to the impositions of the new coronavirus? In the end, it was possible to identify new social practices in regional telejournalism due to the restrictions of social isolation and health protection of journalism professionals.

**Keywords:** telejournalism; regionalism; ecology of the media; coronavirus; TV TEM.

## Introdução

No momento de realização desta pesquisa, em maio de 2020, o Brasil e o mundo enfrentavam a pandemia do novo coronavírus, que causa a COVID-19. De acordo com o site do Ministério de Saúde, a COVID-19 trata-se de “uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves”.<sup>1</sup> Este novo agente foi descoberto em 31 de dezembro na China. Com a caracterização pela Organização Mundial de Saúde de uma pandemia, a vida de todos foi alterada de forma inesperada e radical, num primeiro momento, devido às normas impostas de isolamento social. E o telejornalismo também teve de mudar e adaptar o seu *modus operandi* para continuar a sua missão de informar a sociedade. Por isso, o objetivo inicial deste estudo foi investigar as subdivisões do telejornalismo regional existente no Estado de São Paulo, e analisar a produção de uma das áreas de cobertura, denominada Bauru, Marília e região. Diante do campo, e devido ao contexto da COVID-19, que de forma inesperada atravessou o objeto e teve de ser levado em consideração, suas implicações, no momento da pesquisa, se sobressaíram.

Além de investigar a produção regional, incluíram-se também as novas formas de produção e as adaptações das quais o telejornalismo se apropriou no referido período. O objeto foi recortado a partir da produção de telejornalismo regional, de Bauru, Marília e região, no período de 18 a 23 de maio de 2020, composta por três telejornais diários (Bom Dia Cidade,<sup>2</sup> Tem Notícias 1ª edição<sup>3</sup> e Tem Notícias 2ª edição<sup>4</sup>), tendo sido selecionado o Tem Notícias 1ª edição devido ao seu tempo maior de produção regional.

A escolha de uma microrregião específica dentro do estado de São Paulo foi necessária em função da proximidade das universidades envolvidas na pesquisa — Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) — devido à localização geográfica dos pesquisadores no momento da pesquisa, e também devido ao grande número subdivisões que a Globo São Paulo, emissora escolhida para pesquisa, apresenta no interior do estado — onde há o maior número de telejornais regionais. De acordo com site da emissora — cujas informações foram confirmadas no dia 05 de maio de 2020 pelo jornalista Daniel Schafer, gerente de jornalismo da TV TEM Bauru, Marília e região, — o telejornalismo, de maneira geral e nacional, é dividido em cinco regiões (centro-oeste, nordeste, norte, sudeste e sul), sendo a região sudeste composta por quatro estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo), conforme Quadro 1 abaixo:

Regiões	Estados
Centro Oeste	Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul
Nordeste	Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe
Norte	Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins
Sudeste	Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo
Sul	Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina

Quadro 1 — Estrutura Nacional de telejornalismo da TV Globo no Brasil

Fonte: <g1.globo.com/sp/sao-paulo/>

O estado de São Paulo é subdividido em treze praças, com a produção própria de telejornais em cada uma delas, que denominamos nesta pesquisa de microrregiões. São elas: São Paulo e região; Bauru e Marília; Campinas e região; Itapetininga e região; Mogi das Cruzes e Suzano; Piracicaba e região; Prudente e região; Ribeirão Preto e Franca; Rio Preto e Araçatuba; Santos e região; São Carlos e Araraquara; Sorocaba e Jundiaí; Vale do Paraíba e região, conforme Quadro 2 abaixo.

Estado	13 praças
São Paulo	São Paulo e região; Bauru e Marília; Campinas e região; Itapetininga e região; Mogi das Cruzes e Suzano; Piracicaba e região; Prudente e região; Ribeirão Preto e Franca; Rio Preto e Araçatuba; Santos e região; São Carlos e Araraquara; Sorocaba e Jundiaí; Vale do Paraíba e região.

Quadro 2 — Microrregiões do Estado de São Paulo

Fonte: <g1.globo.com/sp/sao-paulo/>

Este cenário nacional, regional e suas respectivas microrregiões no interior de São Paulo justificam o recorte específico e abre o campo para estudos futuros sobre os aspectos regionais da produção do telejornalismo em nível estadual, devido à diversidade apresentada pelo estado. Por isso, nesta pesquisa buscou-se responder à questão de como a produção regional (de uma microrregião) vem se adaptando às imposições do novo coronavírus na pandemia da COVID-19.

O instrumental metodológico foi minuciosamente adaptado ao contexto de realização do estudo, contando pesquisa bibliográfica, e entrevistas realizadas na plataforma Google Meet e pelo Facebook, caracterizando um estudo de caso. Com base em Bernal (2010), foram realizadas investigações documentais, entrevistas semiestruturadas, para a coleta de informações, sendo a primeira com o objetivo de contextualizar a emissora analisada e a segunda, com o intuito de buscar informações em torno do trabalho dos telejornalistas. O estudo de caso é indicado, de acordo com Yin (2001), quando se trata de um fenômeno contemporâneo, neste caso a pandemia relacionada ao novo coronavírus (COVID 19).

Como parte das bases conceituais e teóricas buscou-se a ecologia dos meios, a partir de Scolari (2015), que com a proposta da metáfora da ecologia para o estudo dos meios, identificou esse método como um marco de grande utilidade para as ciências sociais. Renó (2018), entre outros, também trata da temática. A nova ecologia dos meios de comunicação que se desenhou entre as afiliadas da TV Globo no interior de São Paulo denota um processo de midiatização regionalizado.

Para contextualizar a emissora recortada por esta pesquisa, no próximo tópico será apresentada uma trajetória dela, mostrando o seu pioneirismo e desenvolvimento ao longo dos anos, e a sua vocação para a produção de conteúdo informativo.

### Trajетória do telejornalismo do Oeste Paulista de SP

Nos anos 1960, a primeira emissora do interior da América Latina foi implantada na cidade de Bauru, no interior de São Paulo, pelo visionário João Simonetti. Mas, desde a década de 1950, o empresário João Simonetti já cogitava implantar na cidade uma emissora de TV. Bauru concedeu apenas a mil felizardos a oportunidade de fazer parte da primeira

turma de telespectadores. Foram eles que adquiriram os primeiros aparelhos da Rebratel (Rede Brasileira de Televisão), vendidos de porta em porta para concretizar o sonho de João Simonetti. Oficialmente, a TV Bauru (Canal 2) entrou em funcionamento no dia 1º de agosto de 1960, mas antes disso a emissora já operava, ainda em caráter experimental, sem que a Presidência da República tivesse concedido a licença. Algumas transmissões experimentais ocorreram entre os meses de junho e julho de 1959, ou até maio, conforme os jornais da época (ABC, 2001).

O primeiro telejornal da TV Bauru foi *O Nosso Jornal*, noticiário que era inteiramente local. Depois veio *O Globo Agora à Noite*, que ia ao ar entre 22h15 e 22h40, com as principais informações nacionais e internacionais, que eram apresentadas com o noticiário de Bauru. Era apresentado por Paulo Sérgio Simonetti e Fred Calmon. Em 1969, a Globo começa a integrar o país, através de sua programação nacional. O *Jornal Nacional*, que estreou no dia 1º de setembro daquele ano, era para todos ao mesmo tempo. A partir daí, foram extintos os programas caseiros e houve também a redução do tempo para o jornalismo local. A evolução tecnológica roubou a cena da nova etapa da TV Bauru.

O *Jornal Hoje*, apresentado por Alonso Compoi, foi ao ar até o ano de 1973, sempre ao meio-dia e tinha, aproximadamente, meia hora de duração. O jornal era apresentado ao vivo, sem o teleprompter (onde o locutor lê a notícia). De acordo com Malavolta (apud Kneipp 2018), apenas uma equipe de reportagem sobreviveu para contar a história da década de 1970. Jair Aceituno (repórter), Moacir Mendonça e Walcir Coelho (cinografistas), e Carlos Torrente (iluminador) passaram cinco anos, de 1974 a 1979, correndo o interior do Estado, atrás de notícias. Elas abasteciam o *Globo Interior*, espaço que a Globo reservava para as notícias do interior. Não havia edição em Bauru. As fitas eram despachadas brutas para a capital.

O jornalismo só voltou a ser produzido na TV Bauru, no dia 28 de fevereiro de 1980, coincidentemente, 25 dias após o fim da já debilitada censura ao telejornalismo brasileiro. Os quinze minutos de duração do jornal eram preenchidos pelo trabalho de uma só equipe de reportagem, com uma única câmera, tanto para as externas como para apresentação do telejornal, que, na época, era gravado. O jornalista Luiz Antônio Malavolta abriu o bloco local do *Jornal das Sete*, com o “boa noite” seguido de uma promessa: “A partir de hoje, a região oeste de São Paulo ganha uma nova forma de comunicação” (ABC, Márcio, 2001 p. 93). Durante o período em que era gravado o *Jornal das Sete*, Luiz Antônio Malavolta revezava-se na bancada com Kitty Balieiro, Beth Ferreira e Luiz Carlos Azenha. O primeiro apresentador fixo do *Jornal das Sete*, depois de algum tempo, passou a ser Gilberto de Barros. Nesta fase, também começa a utilização do primeiro equipamento de vídeo cassete portátil e de qualidade (U-MATIC). Com o sistema, foi possível fazer a edição de toda a produção jornalística de Bauru e dos comerciais também. Apenas uma ilha era compartilhada pelo jornalismo e pela produção comercial.

Em 1983, os repórteres da TV Bauru eram Arnaldo Duran, Luiz Carlos Azenha, Rosa Maria Abrão, Carlos Magagnini e Kleber Santos. No ano seguinte, a TV Bauru (Canal 2) mudou de nome, passou a se chamar Rede Globo Oeste Paulista. Foram inauguradas sucursais em Presidente Prudente, Marília, São José do Rio Preto e mais tarde em Araçatuba.

“Com fortes investimentos em profissionais, equipamentos e instalações, a nova estrutura da emissora passava a ser composta por 11 equipes de jornalismo — quatro em

Bauru, uma em Araçatuba e duas em cada uma das outras três sucursais” (ABC, Márcio, 2001, p. 104); Neusa Rocha foi a primeira editora regional, mas quem fez a transição como editor regional foi Raul Martins Bastos. Depois, quem assumiu a editoria regional foi o jornalista Celso Pelosi, que já era editor de texto da casa. Nesta época, existiam três edições do SPTV: SPTV-1, SPTV-2 e SPTV-3. Pelosi ficou até o final de 1987. Depois de passar pela TV Morena e pela TV Vale do Paraíba, em 1990, Pelosi retorna para Bauru, novamente como editor regional. Cinco anos depois foram extintas as editorias regionais, que só em 1995, foram recriadas. Em outubro de 1998, a Rede Globo Oeste Paulista também é vendida e passa a se chamar TV Modelo. O primeiro editor regional é Marcos Pizano, que no ano de 2000 foi substituído por Osmar Chor. Todas estas mudanças fazem parte da crise em que a Rede Globo estava mergulhada naquele momento. A venda das emissoras repetidoras era uma estratégia para manter os negócios, que davam prejuízo, devido à implantação da GloboCabo, que comprava programação em dólares e vendia assinaturas em reais. Para a cúpula das organizações Globo, essas mudanças faziam parte do “Projeto regional do Futuro”, planejado para dar mais autonomia às unidades regionais.

A nova diretriz era deixar de ser apenas um veículo que transmite notícias e, então, embarcar na era da integração comunitária. Os telejornais, que tinham pouco mais de quinze minutos, ampliaram o tempo para mais de uma hora. “Tânia Guerra, que em 2000 era a apresentadora com mais tempo de casa, e seus colegas de bancada dos recentes anos da TV Modelo, começavam a deixar para trás a imagem dos locutores noticiaristas” (ABC, Márcio, 2001, p. 124).

Em maio de 2003, o grupo que mantinha a TV Modelo vendeu a emissora mais uma vez. A partir daí, ela passou a se chamar TV TEM e a integrar uma rede com filiais em São José do Rio Preto, Sorocaba e Itapetininga. Atualmente, os telejornais que estão no ar são: *TEM Notícias*, em duas edições, ao meio dia e às sete da noite, e o *Bom Dia Cidade*, que vai ao ar às 6h30 da manhã, mas por conta da pandemia do novo coronavírus está sendo exibido às 8 da manhã.

### **A ecologia dos meios e a regionalização**

Ao buscar conexões com a nova ecologia dos meios, faz-se necessário apresentar sua trajetória inicial, a partir da proposta de McLuhan para uma ecologia dos meios, como uma teoria expandida que cobre, “de acordo com o enunciador teórico-escolhido, quase todos os aspectos dos processos de comunicação, desde as relações entre a mídia e a economia até as perspectivas e transformações cognitivas que os sujeitos passam por sua exposição às tecnologias de comunicação” (Scolari, 2015, p. 17, tradução nossa).<sup>5</sup> Segundo o autor, a partir de algumas discussões com McLuhan, na década de 1960, Postman definiu a ecologia dos meios como: “o estudo da mídia como ambientes”, transformando uma metáfora em teoria, com um determinado campo específico (Scolari, 2015). É justamente nesse estudo da mídia como constituintes de uma teia maior que se insere a pesquisa sobre as microrregiões do interior de São Paulo, mas com suas características e peculiaridades, que a pesquisa pretende identificar.

Apesar de a ecologia dos meios não se concentrar em nenhum meio em especial, é uma teoria transmídia, para todos os fins e para todos os tempos, “sua reflexão começa com o surgimento da linguagem. E continua com a transição da oralidade para a escrita, atinge nossos dias agitados de vida digital e, em algumas ocasiões não desiste de

delinear cenários futuros” (Scolari, 2015, p. 18, tradução nossa).<sup>6</sup> É nesse contexto que as emissoras afiliadas do grupo Globo trabalham de forma integrada com o portal de notícias G1, em todas as praças afiliadas.

A metáfora ecológica aplicada aos meios apresenta, de acordo com Scolari (2015), duas possíveis interpretações, sendo a primeira dos meios como ambientes e a segunda, dos meios como espécies. Para a proposta dos meios como ambientes, o autor sintetiza em uma ideia básica a ecologia dos meios: “as tecnologias da comunicação desde a escrita até as tecnologias dos meios digitais — geraram ambientes que afetam os sujeitos que as utilizam” (Scolari, 2015, p. 29, tradução nossa).<sup>7</sup> Na interpretação de Innis (1951), apud Scolari (2015), sobre os meios como espécies, o autor coloca a relação entre os meios como um componente básico de sua concepção dos sistemas comunicacionais, e a competência entre meios ocupa um lugar central em suas reflexões. Para McLuhan (1964), apud Scolari (2015), nenhum meio adquire significado ou existência sozinho, mas em constante interação com outros. Definidos, por Scolari, como uma dimensão intermedial da interpretação da metáfora ecológica, “os meios de comunicação são como ‘espécies’ que vivem no mesmo ecossistema e estabelecem relações entre si” (Scolari, 2015, p. 30, tradução nossa).<sup>8</sup>

De acordo com Base (2016), historicamente, no Brasil, o crescimento das afiliadas e retransmissoras de televisão permitiu a implantação da televisão com produção local. Nos anos de 1980 ocorreu o aumento do número de emissoras de televisão e a formação de redes regionais, como foi o caso observado no estado de São Paulo. A regionalização busca atender às necessidades de expansão da televisão, que, no caso brasileiro, devido às suas dimensões continentais, é necessário, primeiro, que seja regional. “A afirmação de identidades regionais no Brasil pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais” (Oliveira, 1992, p. 51).

De acordo com a Constituição Federal de 1988, a regionalização das emissoras, “conforme percentuais estabelecidos em lei”, é um dos princípios da radiodifusão. O artigo 221 da Carta Magna brasileira dispõe que a produção e a programação das emissoras de rádio e TV deverão atender aos princípios da promoção da cultura nacional e regional, bem como devem estimular a produção independente, e específica que o objetivo é a regionalização da produção cultural, artística e jornalística (Planalto, 2019).

De acordo com Kneipp e Sales Júnior (2020), o objetivo da regionalização da programação segue tanto a vertente de criar uma identificação maior com os telespectadores, levando até eles as notícias que afetam diretamente seu cotidiano, quanto a de captar anunciantes locais e criar a possibilidade de pequenas empresas anunciarem seus produtos ou marcas na TV.

Essa vocação local caracteriza uma força bem maior do que o âmbito nacional, porque essa tendência local está ligada diretamente com as tradições e identidades que são repassadas para o nacional, cujo objetivo é meramente comercial ou mercantil, sendo muitas vezes, de cunho local, não só comercial, mas também de conservação cultural, através do meio de comunicação (Lima, 2010, p. 195).

Para Canclini (2003) os países se empenham por se integrarem em regiões para se protegerem da globalização. Ianni (2005) propõe que a regionalização pode ser uma técnica de preservação dos interesses “nacionais” por meio da integração. E Castells conclui que “quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a

ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber” (Castells, 2000, p. 85).

A partir dessas reflexões, podemos considerar que a proximidade com o público, por meio dos conteúdos televisivos, se efetiva, tanto pelo lado geográfico quanto pelo cultural. As emissoras de TV local e regional conseguem mostrar para o telespectador as suas próprias culturas em detalhes, com sotaque, e contribuem para a construção de identidades. A consequência disso é o aumento ou manutenção da audiência das emissoras e dos lucros com publicidade, além de se criar uma relação de pertencimento e identificação com o telespectador.

### **A cobertura do novo coronavírus no Centro Oeste Paulista**

Neste tópico analisaremos a produção de telejornalismo da TV TEM, com sede em Bauru, e a cobertura de toda a região centro-oeste paulista, com cerca de cem cidades, levando-se em consideração o contexto histórico de desenvolvimento da pandemia do novo coronavírus. Conforme trajetória apresentada anteriormente, a TV TEM de Bauru, Marília e região atualmente tem a produção de três telejornais diários (*Bom Dia Cidade*,<sup>9</sup> *Tem Notícias 1ª edição*<sup>10</sup> e *Tem Notícias 2ª edição*<sup>11</sup>). De acordo com Daniel Schafer, gerente de jornalismo da emissora, o grupo TV TEM é responsável pela produção de conteúdo de quatro microrregiões no interior de São Paulo com produção de telejornalismo e entretenimento centralizado nas cidades de Sorocaba, Bauru, Itapetininga e Rio Preto,

a gente segue a grade de jornalismo da Globo, onde é aberto espaço para o telejornalismo local regional, a gente entra com os nossos produtos, e aí cada empresa de acordo com a sua estrutura, tanto pessoal quanto técnica é que decidem quais os jornais ele consegue abraçar, no caso a gente ocupa praticamente todas as grades, que a Globo permite para jornalismo regionalizado e também para o entretenimento (Schafer, 2020, informação verbal).<sup>12</sup>

Consequentemente são produzidos e veiculados telejornais distintos em cada uma delas, havendo também a troca de conteúdos entre cada uma delas. Segundo Schafer, “muitas reportagens que são bem produzidas, como as reportagens que têm tema generalizado e tal, essas reportagens acabam sendo trocadas entre as afiliadas Globo” (Schafer, 2020, informação verbal).

Na região específica que é objeto desta pesquisa (Bauru, Marília e Região), de acordo com Schafer (informação verbal), a produção de conteúdo é exclusivamente jornalístico, sendo que a produção média diária é de cerca de duas horas. Além do jornalismo, a rede TV TEM também produz conteúdo de entretenimento, que é exibido em todas as emissoras, com a produção na afiliada de Sorocaba. Os programas de entretenimento são: *Revista de Sábado*, *De Ponta a Ponta*, *Domingo no Campo* e *O Novo Normal* (criado em função da pandemia).

Devido à quarentena decretada pelo governador do Estado de São Paulo, por orientação da Organização Mundial de Saúde, um novo cenário com adaptações, e novas práticas sociais de produção vem ocorrendo nas redações de telejornalismo, para manter a atividade profissional de informar a sociedade, e preservar a saúde dos profissionais envolvidos neste trabalho. A atividade jornalística foi considerada essencial, pelo Governo do



Estado de São Paulo e faz parte dos nove setores autorizados a funcionar durante o período de quarentena (saúde, alimentação, bares lanchonete e restaurantes em delivery/drive-thru, abastecimento, logística, serviços gerais, segurança, comunicação social e construção civil). Vale ressaltar que em Comunicação Social estão inclusos os “meios de comunicação social, inclusive eletrônica, executada por empresas jornalísticas e de radiodifusão sonora e de sons e imagens”.<sup>13</sup> De acordo com a recomendação do presidente da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) aos veículos de mídia da região, é necessário implementar e observar os parâmetros do protocolo de saúde.

Lamentavelmente, diferentemente de nossos colegas do setor privado, estamos na linha de frente deste campo de batalha e não podemos encerrar completamente as operações. Não devemos subestimar as preocupações de nossa equipe com relação à exposição; empatia, comunicação e transparência no que diz respeito a isso ajudará bastante a mantê-los motivados a realizar seu trabalho crítico.<sup>14</sup>

Dentre os três telejornais produzidos pela emissora optou-se por analisar o *Tem Notícia 1ª edição*, na semana de 18 até 23 de maio de 2020, porque o telejornal tem o maior tempo de produção, e se propõe a fazer uma cobertura crítica da região e tratar de assuntos voltados para a comunidade do centro-oeste paulista.

Internamente foram identificados novos modos de produção, que, no caso específico desta pesquisa, refletem o que se caracteriza como novas práticas sociais adotadas pelos telejornalistas, especificamente no momento quando estava em curso uma pandemia e um regime de distanciamento social estabelecido pelas autoridades. Nesse novo contexto, as emissoras de televisão e, no caso específico deste estudo — o telejornalismo —, também tiveram de adotar medidas de prevenção para todos os profissionais. Segundo Schafer, desde que a pandemia foi anunciada, e por estar bem próximo do epicentro do país, que é a capital paulista, a empresa vem tomando várias atitudes, “de preservação dos profissionais e também das pessoas que a gente tem contato. Então nós somos divididos em grupos, por exemplo, a equipe da manhã não tem contato com a equipe da tarde, justamente para se alguém se contamine não contaminar o colega do outro turno” (Schafer, 2020, informação verbal). Outras medidas foram adotadas, de acordo com ele, como a transferência do trabalho para home office ou gozo de férias — das pessoas que são do grupo de risco ou têm doença crônica. Outra mudança apontada pelo gerente de jornalismo é relativa à questão da higiene, tanto dos equipamentos, quanto pessoal, “está todo mundo de máscara, usando álcool em gel a todo instante” (Schafer, 2020, informação verbal).

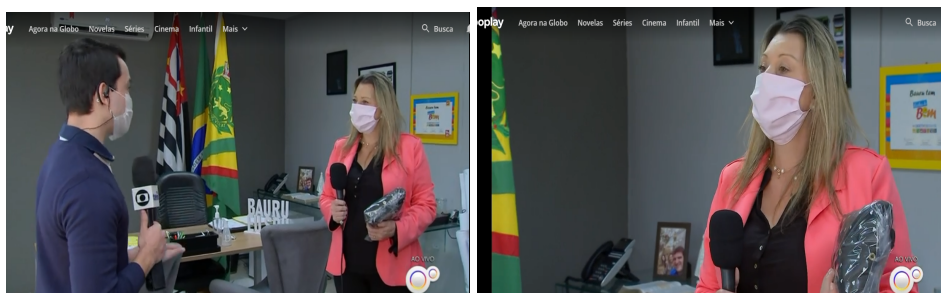


Figura 1 — Entrevista com dois microfones.

Fonte: < [globoplay.globo.com/agora-na-globo/](http://globoplay.globo.com/agora-na-globo/) >.

Em termos estéticos, observou-se que uma nova prática adotada pelos repórteres foi o uso de dois microfones para a realização de entrevistas, quebrando uma regra clássica do telejornalismo em que o entrevistado não podia pegar no microfone. Neste novo contexto, que exige um distanciamento entre entrevistado e repórter, são necessários dois microfones para a produção de reportagens e para entradas ao vivo dos repórteres, conforme ilustra a Figura 1. Esta nova prática quebra uma tradição, e permite que o entrevistado segure o microfone, o que no passado era proibido. “O lance do microfone foi uma grande luta, porque até a gente conseguir encaixar, que o ideal nesse momento seria ele estar com o microfone dele, a gente tentou lapela, a gente tentou várias coisas pra daí dar certo com um microfone de mão pra ele e um microfone de mão pro repórter” (Schafer, 2020, informação verbal). Essa prática esteticamente revela (conforme Figura 1 parte a), no primeiro momento, ambos de perfil, e na sequência depois, de um movimento de câmera (zoom in), permite que o entrevistado responda às questões olhando ora para o repórter (conforme Figura 1 parte b), ora para a câmera. Essa estética narrativa vai sendo construída, ao vivo, por meio de movimentos de câmera alternados entre fechado e aberto, e também entre a alternância dos dois (repórter e entrevistado), no foco juntos e separados.

Outra prática adotada pelos repórteres foi a adoção da máscara, para a proteção dos profissionais. No início era usada apenas na redação, e os repórteres, ao aparecerem no vídeo, retiravam a máscara. Mas, com o tempo e o prolongamento do período de quarentena, as orientações mudaram, por segurança segundo o gerente de jornalismo da TV TEM, “toda a rede decidiu pelo uso o tempo todo” (Schafer, 2020, informação verbal), a partir do dia 6 de maio, conforme ilustra a Figura 2 abaixo.

Além dessas novas práticas que envolvem estéticas e alteraram o modus operandi tradicional do telejornalismo, o uso da tecnologia também vem auxiliando no processo de inovação, como é o caso das ferramentas de interação via internet, as quais, por medida de distanciamento, em alguns casos estão sendo adotadas. O repórter utiliza a interação virtual para realizar a entrevista, que é parte de uma reportagem. “A gente está usando o Skype e todas as outras ferramentas de vídeo como o Zoom, Hangouts, WhatsApp, Messenger e todas as ferramentas de vídeo pra fazer entrevistas e fechar as reportagens, que muitas nem precisa de contato entre as pessoas” (Schafer, 2020, informação verbal).



Figura 2 — Tem Cidade 1: repórter no link usa máscara.

Fonte: <[globoplay.globo.com/ agora-na-globo/](http://globoplay.globo.com/ agora-na-globo/)>.

Além dessas novas práticas que envolvem estéticas e alteraram o *modus operandi* tradicional do telejornalismo, o uso da tecnologia também vem auxiliando no processo de inovação, como é o caso das ferramentas de interação via internet, as quais, por medida de distanciamento, em alguns casos estão sendo adotadas. O repórter utiliza a interação virtual para realizar a entrevista, que é parte de uma reportagem. “A gente está usando o Skype e todas as outras ferramentas de vídeo como o Zoom, Hangouts, WhatsApp, Messenger e todas as ferramentas de vídeo pra fazer entrevistas e fechar as reportagens, que muitas nem precisa de contato entre as pessoas” (Schafer, 2020, informação verbal).

Ainda em relação aos aspectos da produção do telejornal, observou-se, a partir da categorização das tipologias dos formatos exibidos, algumas novas formatações, que podem ser consideradas híbridas. Ou seja, tem-se reportagens ao vivo, nas quais o repórter entra em um link, no qual relata as informações sobre o que está acontecendo no local, realiza entrevistas, mostra detalhes do local e da atividade que ocorre ali, e tudo isso sem a necessidade de se editar a matéria. De acordo com o gerente de jornalismo da TV TEM —, existe uma tendência que ele denomina de *multi*, “todo mundo faz tudo, e a gente está cada vez mais online. Digo, o jornal, ele cada vez mais a gente tá trazendo a notícia mais quente, ao vivo. Menos reportagens e mais ao vivo dentro dos telejornais” (Schafer, 2020, informação verbal). As participações ao vivo, sejam com o repórter, ou sejam mesmo os entrevistados sendo questionados pelo apresentador, revelam uma tendência: existe uma espécie de troca da reportagem pelo ao vivo, em função até do ritmo que se está dando ao telejornal, “a reportagem, quando ela, entra no ar, ela um pouco que quebra o andamento do jornal, e acho que isso afeta um pouco a audiência e afeta um pouco o telespectador. As estruturas do ao vivo, hoje em dia, interessam muito mais do que as reportagens gravadas e editadas” (Schafer, 2020, informação verbal). Existe claramente uma prioridade para o ao vivo, que é exibido diariamente, com as entradas de pelo menos três cidades diferentes, e uma diminuição no número de reportagens (*off*, sonora e passagem). Observa-se uma mudança no formato da reportagem tradicional para uma forma híbrida, ou numa apropriação e readequação do conceito de fluxo televisivo,<sup>15</sup> apresentado por Machado (2007), com uma espécie de reportagem ao vivo multitemática, na qual o repórter relata informações, realiza entrevista, e narra outras informações, com imagens pré-gravadas ou panorâmicas mostrando o local onde vários assuntos estão em um fluxo contínuo e não em mosaico, como era feito tradicionalmente. Este novo formato vem ganhando espaço no telejornal analisado, em função das mudanças ocorridas em todo mundo, de acordo com o gerente de jornalismo da TV Tem Bauru Marília e região, quando a reportagem tradicional entra no ar, ela quebra o ritmo do telejornal e, conseqüentemente, isso afeta a audiência e o interesse do telespectador, “as estruturas de ao vivo hoje em dia interessam muito mais do que as reportagens gravadas e editadas. O grande lance é esse ver o repórter onde ele está” (Schafer, 2020, informação verbal).

Outro aspecto observado na amostra analisada está relacionado à distribuição editorial do conteúdo entre os assuntos abordados. Durante os seis dias de observação virtual do telejornal, a partir da análise, realizou-se um levantamento, em termos de tempo e porcentagem, a partir da divisão dos assuntos exibidos em três categorias propostas por Kneipp e Moraes (2020) temas: (1) assuntos *Coronavírus*,<sup>16</sup> (2) assuntos *Outros* — não relacionados com coronavírus,<sup>17</sup> e (3) assuntos *Transversais* ao coronavírus.<sup>18</sup> No Quadro 3 abaixo apresenta-se a subdivisão das temáticas e seus respectivos tempos no telejornal, divididos

nas três categorias de assuntos identificados pela pesquisa. A categoria que ocupa a maior parte do telejornal em praticamente todos os dias é de assuntos *Coronavírus*, sendo que em três dias ocupa maior tempo e nos outros dois dias é a segunda colocada. A segunda categoria, em termos de tempo é, de assuntos *Transversais*, sendo a segunda em três dias e a primeira colocada em outros dois dias. A categoria de assuntos *Outros* é sempre a de menor tempo em todos os dias da amostra, ocupando entre 16 e 25 minutos.

Dessa forma, o *Tem Notícia 1ª edição*, no período analisado, apresentou o foco quase que totalmente voltado para o novo coronavírus e seus desdobramentos, revelando um telejornal quase monotemático. Esta tendência vem ao encontro das necessidades da sociedade, que devido ao estado de isolamento social, necessita de informações e de esclarecimentos para poder entender, refletir e cumprir com as contingências que o momento exige, “o jornal está praticamente monotemático, é um tema coronavírus, quando muda é dengue” (Schafer, 2020, informação verbal). De acordo com o quadro 3 abaixo, os conteúdos classificados como *Coronavírus* são a maioria, totalizando uma média semanal de 44,61% da produção, com uma variação entre 66% e 24%. Em segundo lugar, os conteúdos classificados como *Transversais* apresentaram a média de 38,26%, com variação diária entre 58% e 16,33%. Os conteúdos classificados como *Outros*, apresentaram o menor conteúdo, com uma média de 17,10%, com variação entre 6% e 18%.

Data	Coronavírus	Transversais	Outros	Total
18/05/2020	36,59%	53,66%	9,76%	100,00%
19/05/2020	24,00%	58,00%	18,00%	100,00%
20/05/2020	53,33%	26,67%	20,00%	100,00%
21/05/2020	66,00%	28,00%	6,00%	100,00%
22/05/2020	44,90%	16,33%	38,78%	100,00%
23/05/2020	42,86%	46,94%	10,20%	100,00%
<b>Média</b>	44,61%	38,26%	17,10%	

Quadro 3 — Conteúdo aproximado em porcentagem.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

Por se tratar de um telejornal regional, com abrangência de cerca de cem cidades do centro-oeste paulista, a amostra também permitiu observar e caracterizar o conteúdo exibido, no período de observação e análise, a partir das cidades cobertas em cada edição, sendo que a quantidade de cidades que foram mostradas, por meio de matérias, entradas ao vivo e notas cobertas chegou ao número máximo de doze cidades por edição (conforme Quadro 4), e número mínimo de três, demonstrando um esforço para cobrir a extensa região de atuação da emissora.

Data	Cidades da região	Quantidade	Bauru	Pool região
18/05/2020	Tupã, Assis, Marília (2), Igarapu do Tietê, Marília, Botucatu, Lençóis Paulista (2), Ourinhos (2), Macatuba, Campos Novos Paulista, Jaú, Piratininga	12	3	2

Data	Cidades da região	Quantidade	Bauru	Pool região
19/05/2020	Botucatu, Marília (2), Ourinhos (2), Itápolis, São José do Rio Preto, São Manoel, Araçatuba, São Paulo	8	4	2
20/05/2020	Paraguaçu Paulista, Assis, Marília (2), Garça, Pardinho, Florínea, São Paulo (2)	7	2	2
21/05/2020	Marília (2), Ourinhos, Anhembi	3	2	5
22/05/2020	Botucatu, Ibirarema, Florínea, Ourinhos (2), Pederneiras	5	4	6
23/05/2020	Tupã, Itapetininga, Marília (2), Pederneiras, Tupã, Botucatu, Agudos, Tupã, Bocaina	9	4	3

Quadro 4 — Cobertura regional do telejornal.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

A cidade de Bauru aparece com maior frequência, pela sua característica de sede da emissora, com uma variação entre quatro e dois conteúdos distintos. Outra prática observada, no sentido de realizar uma cobertura regional são as Notas Cobertas — com arte, que foram exibidas em *pool* com os números das principais cidades da região, para noticiar o número de casos confirmados de coronavírus, o número de mortos e número de curados da Covid-19, entre outras informações relativas à pandemia.

### Considerações finais

Com esta pesquisa, mesmo tendo sido realizada de forma diferenciada, sem que se pudesse ir efetivamente a campo, devido às restrições do período de quarentena determinado pelas autoridades sanitárias do Brasil e do mundo, foi possível, num primeiro momento promover uma readequação e readaptação das estratégias metodológicas, por conta do isolamento social. A partir daí, mesmo que de forma virtual, realizamos entrevista, observação e análise das edições do *Tem Notícia 1ª edição*, e identificamos as novas práticas sociais implantadas no momento de uma pandemia.

O telejornalismo regional analisado apresenta características próprias, com enfoque sempre voltado para as questões relativas às cidades que fazem parte da área de cobertura, que abrange cerca de cem cidades. Isso revela o esforço diário na cobertura de até doze cidades em uma edição, a prática de exibir Notas Cobertas — com arte, com um *pool* de cidades, com os números das principais cidades da região, e também a proeminência da cidade sede da emissora, com a participação efetiva.

No contexto da pandemia, todas as atenções ficaram voltadas para a cobertura do novo coronavírus, conforme levantamento realizado, com três categorias de assuntos abordados (*Coronavírus*, *Transversais* e *Outros*). Se somarmos *Transversais* e *Coronavírus* teremos mais de 80% do conteúdo com o foco específico e diretamente ligado à pandemia como prioridade do telejornal.

Dentre as novas práticas foi possível identificar o uso de dois microfones, para a realização da reportagem, sendo um para o repórter e outro para o entrevistado, quebrando

uma tradição das técnicas tradicionais do telejornalismo. Outra mudança foi a adoção da máscara por todos os integrantes da equipe, tendo como a única exceção o apresentador, mas só no momento de exibição do telejornal. Houve um esforço de toda a equipe para se adaptar ao novo contexto imposto pelo enfrentamento de uma pandemia — desde a prática de higienização de todo equipamento —, até o distanciamento do entrevistado. Para o gerente de jornalismo da emissora, trata-se de um novo contexto para o qual não existem precedentes conhecidos. “Eu nunca achei que eu ia viver uma pandemia, eu acho que a gente está sendo um momento histórico para qualquer jornalista” (Schafer, 2020, informação verbal).

O estudo aqui realizado sobre um telejornal regional, em um contexto diferenciado, de pandemia, estabelece uma relação com a metáfora ecológica aplicada aos meios apresentada, por Scolari (2015 apud Innis, 1951), em identificação com a interpretação dos meios, como espécies, porque dentro do emaranhado sistema comunicacional apresentado pelo grupo Globo, com regiões, estados, e microrregiões, unindo televisão, internet e outras mídias, na busca de informação de qualidade, com cobertura e identificação regional.

Recebido em: 31/03/2021

Aceito em: 09/12/2021

<sup>1</sup> Disponível em: <coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>.

<sup>2</sup> Disponível em: <globoplay.globo.com/bom-dia-cidade-bauru/t/tdX1rrFFWW/>.

<sup>3</sup> Disponível em: <g1.globo.com/sp/bauru-marilia/tem-noticias-1edicao/videos/>.

<sup>4</sup> Disponível: <globoplay.globo.com/tem-noticias-2a-edicao-baurumarilia/t/HztNYw6Pq8/>.

<sup>5</sup> No original: “[...] según el teórico-enunciador elegido, casi todos los aspectos de los procesos de comunicación, desde las relaciones entre los medios y la economía hasta las transformaciones perspectivas y cognitivas que su-fren los sujetos a partir de su exposición a las tecnologías de la comunicación” (Scolari, 2015, p. 17).

<sup>6</sup> No original: “[...] su reflexion comienza con la aparición del lenguaje, sigue con la trasição de la oralidade a la escritura, llega hasta nuestros agitados días de vida digital y en en algunas ocasiones no renuncia a delinear escenarios futuros” (Scolari, 2015, p. 18).

<sup>7</sup> No original: “[...] su reflexion comienza con la aparición del lenguaje, sigue con la trasição de la oralidade a la escritura, llega hasta nues-tros agitados días de vida digital y en en algunas ocasiones no renuncia a delinear escenarios futuros” (Scolari, 2015, p. 29).

<sup>8</sup> No original: “[...] los medios de comunicación son como 'especies' que viven en el mismo ecosistema y establecen relaciones entre sí” (Scolari, 2015, p. 30).

<sup>9</sup> De acordo com o site da emissora, o *Bom Dia Cidade* leva as primeiras notícias da manhã para toda a região. Disponível: <globoplay.globo.com/busca/?q=tv%20tem%20bauru>.

<sup>10</sup> De acordo com o site da emissora, o telejornal oferece um olhar voltado para a comunidade, com visão crítica sobre os fatos regionais. Disponível: <globoplay.globo.com/busca/?q=tv%20tem%20bauru>.

<sup>11</sup> De acordo com o site da emissora, segunda edição do *Tem Notícias* destaca os acontecimentos do cotidiano e apresenta reportagens exclusivas. Disponível: <globoplay.globo.com/busca/?q=tv%20tem%20bauru>.

<sup>12</sup> Entrevista concedida via Google Meet, em 05 mai. 2020, pelo gerente de jornalismo Daniel Schafer.

<sup>13</sup> Disponível em: <saopaulo.sp.gov.br/noticias-coronavirus/governo-de-sao-paulo-reforca-setores-essenciais-permitidos-a-funcionar/>.

<sup>14</sup> Disponível em: <knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-21679-redacoes-da-america-latina-adaptam-suas-operacoes-enquanto-o-novo-coronavirus-se-espal>.

<sup>15</sup> O conceito de fluxo empastela toda a produção televisiva num caldo homogêneo e amorfo, enquanto o de programa permite nitidamente distinguir diferenças ou perceber qualidades que despontam sobre o fundo da mesmice.

<sup>16</sup> Como editoria *Coronavirus* foram consideradas as matérias relacionadas a números locais e nacionais da pandemia, notícias sobre restrições de aglomerações, auxílio financeiro instituído pela União, atividades de desinfecção de locais públicos, suspensão de aulas, dicas de prevenção, entrevistas com especialistas e ou personagens diretamente ligados à doença (Kneipp; Moraes, 2020).

<sup>17</sup> Na editoria *Outros* assuntos, as matérias relacionadas à segurança pública, problemas urbanos, trânsito, acidentes, previsão do tempo e esporte, estas últimas desde que não relacionadas diretamente à pandemia (Kneipp; Moraes, 2020).

<sup>18</sup> Na pauta assuntos *Transversais*, foram contabilizadas as matérias relacionadas às consequências econômicas e sociais do isolamento, suspensão de atividades esportivas e culturais e, ainda, mudanças de costumes e estratégias de relacionamento com o público de setores não diretamente envolvidos com o combate à pandemia, bem como as medidas de saúde auxiliares no combate à doença, mas que já faziam parte da rotina da população, tais como campanhas de vacinação (Kneipp; Moraes, 2020).

## Referências

- BAZI, Rogério. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea; 2001.
- \_\_\_\_\_. Depois da TV digital: o telejornalismo e as rotinas produtivas em uma emissora regional. In: **Revista Brasileira de Estudos de Jornalismo**. Campinas: PUC-Campinas, v. 6, n. 18, 2016. p. 18-30.
- BERNAL, César Augusto. **Metodología de la investigación: administración, economía, humanidades y ciencias sociales**. Bogotá: Pearson Educación; 2010.
- CANCLINI, Nestor García. Globalizar-se ou defender a identidade: como escapar dessa opção. In: SIMÕES, Cassiano F. **A TV regional e globalização**. Salvador: UFBA; 2005.
- CASTELLS, Manoel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra; 2000.
- GLOBO**. São Paulo. Disponível: <g1.globo.com/sp/sao-paulo/>. Acesso em: 13 maio 2020.
- HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: UOC; 2004.
- KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos; MORAES, Renato Ferreira de. Novas práticas sociais no telejornalismo brasileiro em tempos de novo coronavírus: um estudo do Bom Dia RN. In: PEREIRA, Ariane, EMERIM, Cárlica e COUTINHO, Iluska (orgs.). **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Insular; 2020. (Coleção Jornalismo Audiovisual — Volume 10).
- KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. **Trajetoária de formação do telejornalista brasileiro: as implicações do modelo americano**. Escola de Comunicações e Artes; USP; 2008.
- MACHADO, Arlindo; VÉLEZ, Marta Lucía. Questões metodológicas relacionadas com a análise de televisão. **E-Compós**, [S.L.], v. 8, 2007. Acesso: 27 maio 2020.
- OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**. Petrópolis: Vozes; 1992.
- PAULO, São. Governo de São Paulo reforça setores essenciais permitidos a funcionar. Disponível: <saopaulo.sp.gov.br/noticias-coronavirus/governo-de-sao-paulo-reforca-setores-essenciais-permitidos-a-funcionar/>. Acesso: 17 maio 2020.
- PLANTALTO. **Regulamento dos Serviços de Radiodifusão**. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil\_03/decreto/Antigos/D52795.htm> Acesso em: 26 out. 2019.
- RENÓ, Denis Porto; GOSCIOLA, Vicente; RENÓ, Luciana. **Nova Ecologia dos Meios e Tecnologia**. Aveiro: Ria Editorial, 2018.
- RESENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus; 2000.
- SAÚDE. Mistério da. **Sobre a doença o que covid**. Disponível em: <coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 13 maio 2020.
- SCOLARI, Carlos A. Ecología de los medios: de la metáfora a la teoría (y más allá). In: \_\_\_\_\_. (ed.). **Ecología de los Medios: entornos, evoluciones e interpretaciones**. Barcelona: Gedisa, 2015. p. 15-42.

TEM, TV. **Bom Dia Cidade**. Disponível em: <globoplay.globo.com/bom-dia-cidade-bauru/t/tdX1rrFFWW/>. Acesso em 27 de maio de 2020.

TEM, TV. **Tem Notícias 1ª edição**. Disponível em: <globoplay.globo.com/busca/?q=tv%20tem%20bauru>. Acesso em: 27 maio 2020.

TEM, TV. **Tem Notícias 2ª edição**. Disponível em: <globoplay.globo.com/tem-noticias-2a-edicao-baurumarilia/t/HztNYw6Pq8/>. Acesso em: 27 maio 2020.